

A Prática Pedagógica Docente na EJA

Karla Cybele Gomes Lira¹

Marta Santana da Silva²

Orientadora Eliete Santiago³

Resumo

O artigo tem como objetivo descrever características da prática pedagógica docente na Educação de Jovens e Adultos referentes a metodologia, relações sociais e dificuldades implícitas nesse processo. Para isso, realizamos uma revisão da literatura tendo como teórico principal Paulo Freire que subsidiou a pesquisa de campo. Utilizamos, da observação e pesquisa documental para analisar a prática docente na educação de jovens e adultos. Apesar dos avanços nas políticas públicas, constata-se que a Educação de Jovens e Adultos ainda é uma modalidade de ensino relegada a segundo plano. Nessa modalidade as docentes cujas práticas observamos, necessitam compreender melhor as especificidades desse público, não infantilizando o aprendizado do estudante que nele está inserido, mas ajudando-o a construir o processo de conscientização crítica.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Prática Pedagógica Docente, Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire.

1. Introdução

O presente artigo se destina a apresentar nosso objeto de estudo a prática pedagógica docente na EJA e os elementos que constituem essa modalidade de ensino. É importante compreendermos como se dá as relações de ensinagem/aprendizagem na EJA, identificando suas características, quanto a metodologia, dificuldades e relações sociais implícitas nesse processo, vendo-a como uma política pública, para responder a demanda de jovens e adultos que por motivos diversos não concluíram ou não tiveram acesso a educação institucionalizada.

Pensando nessa modalidade de ensino, nos pareceu pertinente abordar tal temática, uma vez que a educação escolar objetiva formar sujeitos na e para sociedade,

¹ Concluinte do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: karlalirabele@hotmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: martacelebridade2@hotmail.com

³ Professora Titular da UFPE, Centro de Educação. E-mail: mesantiago@uol.com.br

mas, formar para que? Sobretudo na EJA, que tipo de sujeito se deseja formar? Quanto a prática pedagógica docente, o que ela reflete enquanto ação efetiva dessa formação? O papel do professor enquanto mediador do conhecimento é agente principal na sala de aula, é a sua prática pedagógica que irá validar ou não o discurso reprodutivo sem reflexão ou favorecer ao sujeito uma formação crítica/reflexiva, que seja capaz de atuar na sociedade em que está inserido, compreendendo sua posição enquanto agente ativo.

A problemática em torno da EJA é grande, apesar de ter avançado muito com conquistas importantes junto as políticas públicas a ela destinada, porém ainda continua relegada ao segundo plano nas agendas dos governantes e da própria sociedade. No Brasil segundo dados pesquisados por Mauro Silva, diretor de Políticas de Educação de Jovens e Adultos do MEC, apresentado no seminário “Revisitando a utopia de Paulo Freire na reinvenção da EJA” promovido pelo Centro Paulo Freire em Setembro de 2015. A partir do estudo de Mauro Silva, é possível acessar os resultados do censo do IBGE de 2000 a 2013 que demonstram que há 58 milhões de pessoas no Brasil com 18 anos ou mais que não têm o ensino fundamental completo (nove anos de estudo) e 81 milhões não possuem o ensino médio. É preciso respeitar as especificidades desse público, pessoas que não terminaram ou nem sequer iniciaram o ensino regular. Especialistas (Silmara de Campos-2014, Nonato de Assis Miranda-2014, Maria Clara di Pierro-2014) nessa área são unânimes em apontar alguns problemas com relação a essa modalidade de ensino, a começar pelo currículo, que muitas vezes é uma adaptação dos conteúdos do ensino fundamental, a formação inadequada dos professores, a convocação de voluntários ou que não tem uma preparação prévia para alfabetizar a jovens e adultos. Vídeo debate disponível (www.youtube.com.br).

Encarar esses problemas, é um grande desafio para prática pedagógica do professor da EJA, afinal o seu papel é preparar o estudante para que se perceba como sujeito construtor do seu conhecimento, pensar num modelo de escola mais flexível conectado a vida, investir na formação docente e ter um olhar mais sensível quanto as necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhe é relevante. Esse tipo de ensino planejado e ofertado de forma aligeirada sob o discurso de inclusão, não impede que o professor de forma consciente exerça o seu trabalho, como um formador de sujeitos críticos/reflexivos, e rompa com essa lógica excludente e elitista em que se configura a nossa educação escolar. Freire afirma que:

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende.(...) Implica uma auto formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72)

Este artigo traz como aporte teórico Paulo Freire, no que diz respeito a sua contribuição para o entendimento de uma prática pedagógica docente voltada para a EJA, assim como os saberes necessários na construção dessa prática. Em Souza (2012) a compreensão de prática pedagógica e a prática pedagógica docente. Em consonância com Freire, reunimos elementos em Tardif (2002) e Sacristã (1999) constituintes dessa prática, bem como seu impacto na formação humana do sujeito humano.

A partir deste trabalho, esperamos compreender a prática pedagógica docente na EJA, identificando elementos que a caracterizam, quanto a metodologia, aprendizagens, dificuldades e relações humanas (professor/aluno, aluno/professor) estabelecidas nesse processo. Entendendo que as relações humanas permeiam toda ação pedagógica no âmbito escolar, reiteramos aqui a dimensão social da formação humana defendida por Paulo Freire, no sentido da educação para humanização.

2. Referencial Teórico

2.1 Prática ou Práxis Pedagógica

A educação escolar segundo Souza, enquanto objeto de estudo da Pedagogia no sentido da formação humana do sujeito humano, se caracteriza por sua intencionalidade, refletida na prática pedagógica assumida coletivamente, e permeadas por afetos (amor e ódio) inerentes ao dia a dia das escolas. Para Souza, prática pedagógica ou práxis pedagógica são:

processos educativos em realização, historicamente situados no interior de uma determinada cultura, organizados, de forma intencional, por instituições socialmente para isso designadas implicando práticas de todos e de cada um de seus sujeitos na construção do conhecimento necessário á atuação social, técnica e tecnológica (SOUZA, 2012,p. 28).

Essa afirmação, traz o entendimento de que a prática pedagógica na totalidade da sua dimensão não se restringe a educação apenas na escola, mas está presente na construção social humana. Sendo assim, torna-se de suma importância o estudo dessa prática para a compreensão dos elementos que atuam na e para a formação dos sujeitos imbricados no processo, aqui entendido como escolar. Enquanto ação social coletiva, mostra-se na prática docente, na prática discente, na prática gestora, assim como nos conteúdos pedagógicos que, segundo Souza, são eles: educativos, instrumentais e operativos, e visam a construção do conhecimento, sob a ótica de programas, planos e projetos determinados e executados na instituição de ensino. Num contexto amplo a prática pedagógica no âmbito escolar, compreende-se pela ação dos sujeitos inseridos na instituição educacional, na relação professor, aluno, gestor, não se restringindo a sala de aula mas a todas as ações dentro da escola como um todo. (SOUZA, 2012)

A Prática Pedagógica não se constitui apenas de elementos presentes na escola, mas interage com os fenômenos políticos, sociais, culturais e educativos do qual os educandos fazem parte. Nesse aspecto, pode-se apontar o seu caráter multicultural e o desafio proposto ao docente enquanto mediador do conhecimento, de ressignificar sua prática, respeitando os diferentes sujeito presentes em sua sala de aula, oportunizando uma formação crítica/reflexiva, da qual possa agir sobre ela, buscando desenvolvimento sustentável para a sua comunidade, seu país e dele próprio. A práxis para Freire é:

A práxis... é reflexão e ação dos humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor oprimido. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na sociedade opressora, com que objetivando-a, simultaneamente, atuam sobre ela (SOUZA apud, FREIRE,1974, p. 40).

Veiga (1989) afirma que a Prática Pedagógica (1989, p. 16) é “... uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social ...”. Dessa forma entendemos que assim como Souza, Veiga (1989) traz a compreensão da dimensão da prática pedagógica, que não está circunscrita apenas no âmbito escolar, mas perpassa por toda a formação sociocultural de uma sociedade. Ambos afirmam o caráter político dessa ação, permeados pelos aspectos conjunturais e estruturais da sociedade brasileira. No aspecto conjuntural pode-se visualizar os programas sociais, projetos políticos, gestão educacional, etc. Com relação ao aspecto estrutural, é marcado pelas desigualdades sociais e concentração de renda.

Tais aspectos irão influenciar diretamente a prática pedagógica dentro e fora da escola, uma vez que como afirma Veiga a prática pedagógica escolar está inserida dentro do contexto da prática social. Garcia nos diz o seguinte sobre a prática pedagógica: [...] a prática pedagógica pode ser dividida em “práticas de caráter antropológico” e “práticas pedagógicas institucionalizadas”(GARCIA, 2005 apud PLETSCHE, 2010, p. 158), a primeira se refere a perspectiva social em que a escola é vista como um espaço cultural compartilhado, e não apenas se restringindo a ação docente. A segunda se refere a ação educacional realizada nos sistemas educacionais e escolas onde estão inseridos.

2.2 A prática Docente

A partir dessa compreensão, situamos a prática pedagógica docente como uma dimensão da prática pedagógica inserida no contexto educacional, permeada de interesses sociais, políticos, econômicos, e que também é um dos elementos das ações do professor dentro da escola. É a prática pedagógica docente que irá desvelar as concepções de educação do professor (a), de conhecimento de mundo, suas interações com os alunos, etc. Sendo assim, evidenciamos a prática pedagógica docente na EJA, como fator primordial de ensino/aprendizagem nessa modalidade, cujo o público alvo

apresenta especificidades quanto ao perfil dos discentes, experiências de vida, objetivos, anseios, curiosidades, aprendizagens, entre outros. Uma prática que mobiliza saberes, interações pessoais, vivências, formação institucionalizada, que se circunscreve dentro do ambiente escolar, reverberando na aprendizagem do estudante enquanto sujeito da formação humana.

Para Paulo Freire, o ato de ensinar vai muito além de transmitir ou “depositar” conteúdos no outro, é um ato que permite ao sujeito construir em diálogo com seu professor, conhecimentos significativos que se relacionem com sua vida, que o faça refletir criticamente sua presença no e para o mundo se reconhecendo como um agente transformador. Partindo desse entendimento, a prática pedagógica docente requer uma compreensão por parte do professor, de que o conhecimento numa perspectiva crítica contribui para o processo de conscientização dos estudantes. Freire afirma que “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE,1997, p.95).

Em conformidade com Freire a ação docente é consciente sendo tomada pela ética profissional, onde a coerência no falar e no fazer dialogam constantemente, o professor é muito importante nesse processo, pois será exemplo para aqueles que estão iniciando sua leitura de mundo crítica e do professor também. Um educador essencialmente comprometido com o que fala e o que faz, não irá se manter neutro, mas assumirá sua posição política, uma vez que a educação é política. O professor Paulo Freire diz:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper (FREIRE,1996, p. 98)

O ato de educar exige uma rigorosidade metódica, ou seja, pauta-se numa proposta de ensino que compreende o(a) estudante como sujeito que instigue a curiosidade, o aprofundamento crítico da compreensão do objeto do conhecimento, exige formação permanente. É fundamental um professor ser um constante pesquisador, pois isso irá criar no seu aluno um processo de educação contínua, dentro e fora da escola. O respeito ao saber construído do educando é essencial, pois toda prática exige um conhecimento prévio, todo aluno traz consigo saberes culturais (populares), da prática do trabalho, e o professor respeitando esses saberes, aprende enquanto ensina. A

leitura crítica do professor em relação ao mundo e ao ato de educar, faz parte da sua prática, e rejeitando a ideia do ensino bancário ensinar os conteúdos dando-lhe concretude para que sejam entendidos dentro e na realidade do educando, para Freire “ensina-se a pensar certo através do ensino dos conteúdos” (FREIRE, 2006, p. 29).

Conteúdos esses que exigem domínio por parte do professor, que implica a mobilização de saberes construídos na formação docente, nas vivências sociais e no exercício da própria prática. Em Freire (2006) entende-se que o ato de ensinar é uma característica humana, que exige segurança no ato didático, competência profissional, ou seja, que seja capaz de ensinar o aluno de forma competente. É relevante que o professor seja respeitado no exercício de sua função, tendo acesso a formação continuada, comprometido com sua prática entendendo o ato de ensinar como um compromisso social, com o objetivo de transformação do sujeito em um ser autônomo, ensinando com liberdade sem perder a autoridade.

Para Tardif (2002) é necessário: “situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (TARDIF, 2002, p. 16). Na visão de Tardif o professor é um ser social, político, histórico que na sua prática mobiliza vários saberes, esses construídos em diferentes instâncias, como família, escola que o formou, da cultura pessoal, da universidade, é um saber plural que se constrói durante a carreira e a vida. Deve-se levar em conta o conhecimento do trabalho do professor e seus saberes cotidiano, rejeitando a ideia de que ele é apenas um transmissor de saberes de outros grupos. Ele esclarece:

[...] esses saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. (TARDIF, 2002, p. 49)

Sacristã (1999), por sua vez, aborda em seus estudos a importância da escola ou o papel da escola, na renovação social, e destaca o papel da reflexão, categoria muito presente em Freire, processo de profissionalização docente, pois para ele, o futuro da escola pública depende da capacidade de enfrentar a modernidade ética e social,

impostos pela pós-modernidade, isso requer um novo perfil do profissional que atua ou atuará nela, marcado pelo profissionalismo, capaz de dar sentido as práticas de escolarização. Sacristán, destaca a formação profissional docente, sendo esta o elemento chave para construção do novo perfil do educador que em linha com o pensamento de Freire e de Tardif, é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Freire salienta que a reflexão é inerente a natureza humana, Tardif e Sacristán defendem que o professor é um ser reflexivo, antes mesmo de exercer a docência, ou seja é produto de uma prática e de uma reflexão, que orientam suas ações, definida como:

O processo ou o resultado de refletir de reflexionar é a geração da consciência sobre a ação, que é manifestada na forma de representações, de lembranças ou de esquemas cognitivos e crenças que podem ser comunicadas, nutrindo a memória do material para pensar sobre as ações passadas e presentes e para orientar outras futuras. (SACRISTÁN, 1999; p. 100)

Os autores citados trazem a compreensão de que a prática docente requer o desenvolvimento de saberes essenciais a sua efetivação, que o ato de ensinar, vai muito além de depositar conhecimento, e que não se concebe de forma mecânica, que os atores imbricados nesse processo, são sujeitos humanos que se relacionam entre si, numa relação de diálogo, onde um ensina enquanto aprende, e o outro aprende enquanto ensina (FREIRE,2006). O professor enquanto formador de sujeito humano, estimula o pensamento crítico, contribuindo para a superação da lógica ideológica reprodutivista burguesa, e ajudando seu educando a superar seu estado de alienação, se reconhecendo como sujeito ativo na sociedade agindo sobre ela transformando sua realidade.

Com base nesse entendimento de prática pedagógica docente, evidencia-se que na EJA, o docente ao exercer-la, que o faça com clareza, reconhecendo-se como agente mediador do conhecimento, mobilizando saberes necessários ao aprendizado seu e do estudante, estabelecendo uma relação com a realidade dando significado a esse aprendizado. É a prática docente que irá validar a ação pedagógica crítica/reflexiva, ou a reprodutora da ideologia dominante. Sendo uma das dimensões da prática pedagógica, está diretamente ligada a construção de uma melhoria qualitativa e quantitativa, sobretudo na EJA, uma modalidade de ensino que atende a um público específico, e que por muito tempo foi e pode se dizer que ainda é relegada ao segundo plano. Apesar dos avanços ocorridos ainda se tem um longo caminho a percorrer para a melhoria da qualidade do ensino público nacional.

2.3 A Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A educação é um direito de todos, garantido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 288. Vejamos:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

I – Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

-art. 206: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I- Igualdade de condições de acesso e permanência na escola.

-art. 3: Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação.

Partindo dessa afirmação, entendemos a EJA, como uma política pública de direito social, que favorece o sujeito que por circunstâncias diversas, não teve acesso e permanência a educação. Inicialmente voltada para a alfabetização dos segmentos da sociedade que não iniciou ou concluiu a escolarização, a EJA caminhou numa perspectiva compensatória, que não levava em conta as especificidades dos sujeitos nela inseridos. (OLIVEIRA e PAIVA, 2004). Achamos relevante pontuarmos alguns fatos históricos sobre a EJA e sua implementação enquanto modalidade de ensino.

Segundo Paiva (2004), o grande educador e professor Paulo Freire, começou a desenvolver seu trabalho de alfabetização em Pernambuco nas décadas de 60 e 70, trazendo uma nova perspectiva fundamentado em métodos e objetivos, que procuravam se adequar as especificidades do sujeito participante dessa modalidade de ensino. Começou então a se pensar, que para se alfabetizar adultos, teria que se lançar mão de um trabalho diferente daquele que era feito para alfabetizar crianças na escola, pois as necessidades e possibilidades desses educandos eram bem diferentes.

A preocupação com as especificidades desse público, fez com que Freire desenvolvesse um método de alfabetização para adultos, que posteriormente fundamentou o Programa Nacional de Alfabetização chamado de "Método Paulo Freire", mas com o golpe militar de 1964, o programa foi extinto junto com a sua lógica. Os programas de alfabetização oferecidas pelo governo militar, foram muitas, porém, sem muito êxito. Em Paiva (2004), compreendemos que o fracasso desses programas, se deram por diversos motivos; a inadequação da proposta curricular, que não levava em conta o perfil socioeconômico-cultural do educando, além de ser uma proposta única para todo país, não reconhecendo a diversidade e especificidade de cada região.

Atualmente constata-se avanços nessa modalidade de ensino, superando uma visão ou uma política pública compensatória, passa a ser compreendida como uma política pública de direito, garantida na Constituição Federal. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) incorporou a Constituição Federal e acrescentou em seu capítulo II, especificando a EJA como modalidade de educação básica, que supera a dimensão de ensino do supletivo, e regulamenta sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental, conforme o artigo 37 a define:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. Parágrafo 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II –no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. Parágrafo 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Apesar dessas conquistas, EJA ainda ocorre de maneira mecânica, fragmentada, sem reflexão, ao contrário do que diz seu maior defensor, que entende a educação de jovens e adultos como um ato muito além do apenas ler e escrever, para Paulo Freire:

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende (...) Implica uma auto formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72)

A problemática em torno da EJA é grande, apesar de ter avançado muito com conquistas importantes com as políticas públicas a ela destinada, porém ainda continua relegada ao segundo plano nas agendas dos governantes e da própria sociedade. É importante respeitar as especificidades desse público, que não terminou ou nem sequer iniciou o ensino regular.

O grande desafio da escola hoje é estabelecer uma relação entre o conhecimento socialmente construído e as práticas sociais em que seu educando está inserido, fazendo uma interação com a realidade que vive. Concluímos mediante as palavras do grande educador Paulo Freire defensor incansável da educação popular.

Sonhamos com uma escola pública capaz, que vá se constituindo aos poucos num espaço de criatividade. Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo (FREIRE, 2006, p. 24)

A EJA se constitui como desafio para os educadores, que compreendem seu papel de mediador do conhecimento, utilizando sua prática pedagógica docente, para uma ação educacional crítica/reflexiva, que estabeleça sentido para o educando, levando-o a superação da alienação, sendo capaz de ser ver como agente transformador da sua realidade.

3. Metodologia

A metodologia para a realização deste trabalho sobre a prática pedagógica docente na EJA, partem da abordagem qualitativa que se refere à coleta e tratamento de informações sem uso de análise estatística, a instrumentos como entrevistas abertas, relatos, análise documental, observação da prática pedagógica docente. A escolha pela abordagem qualitativa se dá pelo fato de ser uma metodologia usada para;

[...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999).

Trata-se de uma pesquisa de campo, onde observamos a prática do professor atuante na EJA, em uma escola da Rede Municipal, onde se oferece essa modalidade de ensino. Fizemos também uma análise documental, a fim de identificarmos elementos que caracterizem a metodologia, aprendizagens e dificuldades na educação de jovens e adultos.

É uma pesquisa indutiva, isto é, desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, com o objetivo de compreender a prática pedagógica docente na EJA, identificando os elementos que a caracterizam, quanto a metodologia, aprendizagens, dificuldades e relações humanas estabelecidas nesse processo. Para Ander-Egg (1978, p.28 citado por LAKATOS; MARCONI, 2010, p.139), a pesquisa é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Conforme Lakatos e Marconi (2001, p.43), “a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

A pesquisa foi desenvolvida numa Escola Municipal, que pela manhã e a tarde oferece ensino fundamental I e II e á noite somente EJA, os critérios de escolha da escola foram aleatórios. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras com mais tempo de atuação na EJA, onde se deu a observação da pesquisa de campo, que de acordo com Minayo se define: “como um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 2010), se deu a coleta dos dados, transcritos em diário de campo, que foram analisados de acordo com a revisão de literatura feita para o desenvolvimento do trabalho.

Nosso campo de pesquisa foi a sala de aula, onde observamos a prática docente de duas professoras mais antiga na modalidade de ensino EJA da escola citada, a interação dessa prática junto aos alunos, e fazendo uma análise documental (material didático, planejamento do professor, cadernos de alunos) a fim de identificarmos elementos que caracterizam essa prática. Após os registros das observações, foi feito um mapeamento dos dados coletados, identificando os elementos que caracterizam as práticas docentes na EJA. Os instrumentos para a coleta de dados foram a observação e a análise documental.

4. Organização e análise dos dados/ Resultados

4.1 Entrando na escola: caracterização

A escola observada está localizada na RPA4 da rede municipal de Recife. É ampla, limpa, possui treze salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática, mas não disponível para os alunos da EJA. Possui rampas de acesso para pessoas com deficiência. Nos turnos da manhã e da tarde, são atendidas crianças do Ensino Fundamental I e II, e a noite apenas Educação de Jovens e Adultos. A escola funciona pela manhã das 7:30 às 12:00h, á tarde das 13:30 às 18:00h e á noite das 18:40 às 22:00h.

A EJA tem duas turmas: uma trabalha com os módulos I e II; outra o Módulo III. As duas docentes que ensinam na EJA na escola, são as mais antigas da casa e são formadas em Letras. A professora a atua pela manhã e a tarde como professora alfabetizadora nas séries iniciais do Ensino Fundamental e a noite é responsável pela turma do módulo I e II da EJA. A sala é composta por 28 alunos. A professora b é a do módulo III, ela é aposentada pela Prefeitura, mas tem dois vínculos, por isso atua na EJA. A turma é composta por 30 alunos matriculados, frequentando em média de 26.

O horário de chegada dos estudantes da EJA geralmente se dá por volta das 18:40h. Ao chegarem se dirigem ao refeitório onde lancham, e aguardam suas professoras para irem a sala de aula. Enquanto lancham e aguardam as professoras, conversam sobre coisas referentes a aula anterior e com alguns professores que estão chegando. Uma professora, disse a aluna que havia chegado mais cedo, porém foi a casa de uma ex-aluna para visitá-la porque o marido dela tinha falecido.

As salas de aulas são amplas, mas em nada remete a uma turma de EJA. É um ambiente utilizado pelos alunos do ensino fundamental I e II, com cartazes que

infantilizam o ambiente. Quanto aos estudantes da EJA, são bem organizados em relação ao seu material, trazem sempre os cadernos, com as atividades, eles gostam muito de escrever.

O material utilizado para as aulas de alfabetização, segundo a docente do módulo I e II, é o mesmo utilizado no trabalho de alfabetização de crianças. Embora haja um livro integrado, distribuído pela Prefeitura e específico para a EJA, não trabalha com ele porque está fora da realidade dos estudantes, segundo a professora, pois contém textos muito longos, que foge a compreensão dos estudantes. O planejamento segundo as professoras é feito bimestralmente, em conjunto com professores e coordenadores.

4.2 Metodologia

As observações na sala de EJA que no total foram sete e contemplaram as disciplinas de português e matemática, evidenciaram o quanto a prática pedagógica crítica\reflexiva está longe de ser efetivada nessa modalidade de ensino. O que nos chamou a atenção nestas salas: um educador com uma prática padronizada e tradicional. A maioria das atividades são voltadas para o aprendizado mecânico, perguntas simples de se responder, não considerando que o adulto já possui uma bagagem de conhecimento construídos ao longo de sua vida, e que esta deve ser respeitada e valorizada. Como exemplo disso, uma das atividades que foi feita, tinha um caça-palavras com os desenhos das figuras, e os estudantes deveriam procurar e circular os nomes das figuras. A professora a, antes de realizar a atividade, fez uma breve explanação sobre como ela fica feliz ao perceber que os estudantes estão cada vez mais se apropriando da leitura. Ela leu as palavras chamando a atenção para a pronuncia das letras M e N, ou seja, foi um treino de leitura mecânica apenas para aperfeiçoar o reconhecimento dos fonemas, sem nenhuma contextualização, pois as palavras da atividade não foram retiradas de um texto, estavam xerocadas num papel ofício para serem marcadas.

4.3 Dificuldades

Os materiais didáticos utilizados em sala de aula são incipientes, apesar do relacionamento com os alunos ser bom, todavia as professoras trazem as mesmas atividades que utilizam em seu outro período de trabalho na Educação Infantil e Fundamental não utilizando material específico para a EJA.

Compreendemos em Souza (2012), que a prática pedagógica interage com os fenômenos políticos, sociais, culturais e educativos, no qual o educando está inserido, de maneira que a prática docente é uma vertente dessa totalidade. Uma prática que segundo Freire é:

A práxis... é reflexão e ação dos humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor oprimido. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na sociedade opressora, com que objetivando-a, simultaneamente, atuam sobre ela. (SOUZA apud, FREIRE, 1974, P. 40)

O professor com uma prática crítica\ reflexiva, objetiva que o educando reflita e haja sobre o mundo para transformá-lo, superando sua condição de oprimido. Porém, o professor atuante na EJA, ainda necessita compreender melhor as especificidades desse público, a ser praticada e evidenciada na prática cotidiana.

Em uma situação de participação na sala, a professora após a leitura de um texto perguntou como os alunos se sentiam ao conseguirem ler. As respostas foram: **é muito bom; me sinto bem.** Essas respostas demonstram o quanto é descontextualizado o ato de ler na escola com a vida. Os estudantes não conseguem externar em suas falas, o que mudou na vida deles, o fato de terem aprendido a ler, dão respostas vazias de significados. A escola em suas práticas não valoriza a leitura de mundo desses alunos, e acaba oferecendo, uma educação descontextualizada, fragmentada, sem sentido, tratando o adulto como um sujeito desprovido de conhecimentos e sem experiência. Como exemplo trazemos uma das atividades que bem ilustra essa prática. Trata-se de um texto, que tinha por título: **O sapo.** Vejamos um trecho:

O dia sete de maio caiu no sábado. Sueli não teve aula e foi na loja do tio Simão. Na loja ela colocou a sacola no sofá.

Um sapo subiu no sofá e ficou na sacola, Sueli não viu nada. Ela pegou a sacola e saiu...

A preocupação da leitura, foi com a pronúncia dos fonemas, e uma interpretação oral do que estava falando o texto, onde se passava a estória, sem nenhuma contextualização, nenhuma relação com a realidade. Há uma distância para o que Paulo Freire chama a atenção, o ato de ensinar exige do professor uma compreensão de que o conhecimento é uma forma de ajudar o estudante a superar o estado de alienação para a liberdade.

Quando o docente se vê em seu papel de mediador no processo de construção do conhecimento do educando, ele o ajudará a superar seu estado de “alienação”, propondo condições de aprendizagem significativas, porém para que isso aconteça Freire afirma que “como professor não é me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE,1997,p.95). Se enquanto docente não me reconheço como agente transformador, então não passarei de mero reproduzidor do sistema capitalista que monopoliza a educação, para sua manutenção.

A escola elabora seu Plano Político Pedagógico mediante as diretrizes estabelecidas pela Prefeitura da cidade do Recife. As professoras relataram que o planejamento para as turmas de Educação de Jovens e Adultos são elaborados bimestralmente em conjunto com toda equipe. A professora a do módulo I e II não utiliza o material enviado pela prefeitura, prefere trabalhar com o mesmo material que utiliza com o ensino fundamental, porque, como dito anteriormente, o livro não atende as necessidades reais de seus alunos, os textos são longos e de difícil compreensão (segundo ela).

A professora b do módulo III, por sua vez, disse que seleciona alguns conteúdos que dá para serem trabalhados. Por exemplo, numa aula de português foi trabalhado um conteúdo do livro, Português, na página 186, havia um texto que falava da infância de um aluno de EJA, da cidade de São Paulo, foi feita a leitura, e a partir dele foi trabalhado a parte gramatical com os pronomes e os tempos do verbo.

Isso remete a inadequação do material utilizado na EJA: conteúdos fragmentados, descontextualizados, com ênfase nas disciplinas de Português e Matemática, trabalhadas de forma mecânica. Em duas aulas foram trabalhados conteúdos de Matemática, problemas envolvendo as quatro operações, em ambas a professora b pensou e escreveu os problemas no quadro e em alguns momentos resolveu junto com os alunos. Aqueles que tinham mais dificuldades a professora b sugeriu que utilizassem “bolinhas” ou “pauzinhos” para resolverem os problemas, é um recurso viável, mas será que é interessante ao adulto? Na sala há alguns alunos especiais, e para estes as atividades são diferenciadas: elas vão desde escrever as vogais, até contar e escrever a quantidade de objetos dos conjuntos, isso nos leva a pensar qual é o sentido que estes conteúdos tem para o trabalho com adultos? Falta um currículo específico, onde se reconheça as especificidades do público jovem e adulto. Também chama a atenção o ambiente das salas infantilizadas, que em nada lembra uma sala de EJA.

Chama-nos a atenção ainda, um fator essencial: a formação dos docentes para a modalidade EJA. Faz-se necessário ao profissional que atua ou irá atuar na educação de jovens e adultos, uma formação adequada e continuada. Freire (2006, p.36) “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.”

4.4 Relações Sociais

As relações estabelecidas no processo ensinagem/aprendizagem na EJA nos surpreendeu. Professoras e estudantes observados deixaram claro essa interação entre eles. Se não há compreensão de linguagem, de comportamento, diálogo, o processo de aprendizagem é inviável.

As relações humanas perpassam os âmbitos da sociedade, e não seria diferente na escola. Há uma relação de respeito, de amizade, que percebemos nas nossas observações. A fala da aluna: **quem vai querer deixar uma professora maravilhosa como a senhora**, declara a boa relação humana. Paulo Freire destaca a relação humana no processo da educação afirmando que:

Educar é um ato de amor onde mulheres e homens se entendem como seres inacabados prontos para aprender sendo que não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funde [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também diálogo. (FREIRE, 1987, p. 79-80)

A EJA é uma modalidade de ensino bastante heterogênea, pois possui desde jovens até idosos. Com relação aos seus interesses, também é bastante diversificado. Em conversas com os estudantes, eles expressaram interesses diversos para estarem na escola. Entre eles: a obtenção do diploma, aprender a ler a bíblia, ajudar os filhos na escola, ter uma atividade para conversar, fazer amizades.

Outra situação é em relação à própria personalidade, que geralmente são humildes, batalhadoras, carentes, sensíveis e que foram privadas do acesso á educação por motivos diversos durante suas vidas e a expectativa que eles possuem ao entrar na EJA - é se apropriar da escrita e da leitura, no caso das salas observadas por nós.

5. Considerações finais

A escolarização da EJA, limitou seus alunos numa sala de aula, submetendo-os as regras dos processos educacionais tradicionais tão combatidos pelo educador Paulo Freire, mestre em educação de adultos. Para ele a contextualização dos conceitos é primordial para o aprendizado, o estudante precisa compreender os significados sejam eles sociais, científicos, culturais, gramaticais de um texto, uma notícia no jornal, não importa, eles devem fazer sentido. A prática pedagógica docente sobretudo na EJA, necessita reconhecer em seu estudante suas vivências, suas construções sociais, seus aprendizados, objetivando estabelecer relação de contextualização e construção com o conhecimento socialmente produzido.

Os cursos de formação de professores por sua vez, necessitam prepara melhor os futuros docentes da EJA, oferecendo disciplinas para essa modalidade de ensino, não somente no final da formação, mas que essa preocupação se mostre logo no início do curso. Os cursos de formação continuada para essa modalidade de ensino, seja ampliado oferecendo outras possibilidades de atuação, como por exemplo gestão para EJA. É preciso repensar a Educação de Jovens e Adultos, dada a problemática que a envolve. Faz-se necessário que haja um currículo que atenda as particularidades desse público, docentes com formação direcionada para atuar nessa modalidade de ensino, espaços destinados a educação de jovens e adultos.

O grande desafio da escola hoje é estabelecer uma relação dialógica, entre o conhecimento socialmente construído e as práticas sociais onde o educando está inserido. A prática pedagógica docente é fator primordial na sala de aula, pois ela irá validar a ação pedagógica crítica/reflexiva, ou reproduzir a ideologia dominante. A educação nacional precisa de uma melhoria qualitativa e quantitativa, sobretudo na EJA, uma modalidade que requer reconhecimento das suas especificidades. Apesar de alguns

avanços, infelizmente ainda está relegada a segundo plano. É necessário que haja mudanças nas práticas pedagógicas docentes de EJA, nos currículos e nas políticas públicas para que esta mudança não seja apenas local, mas sim nacional, já que esta é uma modalidade tão importante quanto a educação infantil, ensino fundamental e médio, não merecendo ter esta falta de atenção que possui.

Refletir sobre a prática pedagógica do Educador em EJA, é rever estratégias de ação, trocar experiências, propor políticas e até mesmo assumir o papel de uma Pedagogia capaz de transformar esse cidadão. É possibilitar a reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos exigindo uma modalidade educativa de qualidade, possibilitando a teoria e prática de novos saberes pedagógicos para aprofundar seus conhecimentos e seus propósitos como profissional da Educação. Este trabalho, entre educador/educando, deve estabelecer relações entre os conteúdos do mundo da vida e os conteúdos estudados, dando possibilidades de ser um cidadão crítico, construir seus próprios argumentos e inseri-lo criticamente numa sociedade onde ele possa fazer a diferença. Coexistindo todos estes aspectos, com certeza poderemos desfrutar de uma prática positiva e emancipatória, que provoque a formação integral de todas estas pessoas e assim a sua satisfação, o espírito de bem-estar e o alcance de seus objetivos iniciais, mas, além disso, também possuem motivação para seguirem em frente e ampliarem mais ainda seus conhecimentos.

Na década de 60 e 70, surgiu a pedagogia de Paulo Freire, que é referência até hoje sobre a metodologia que deve ser usada pelos educadores de EJA. Porém, com o regime militar, Freire foi exilado e seu método ficou esquecido por muitos anos. Mesmo hoje, é difícil encontrar professores que o utilizam, o que é uma pena, já que este método, é o mais indicado para que haja resultados satisfatórios na EJA. Sendo assim, tomamos a pedagogia de Freire (1996, 1987, 1982) como eixo condutor para a formação de professores para a EJA que aqui se defende, visando uma prática condizente com as especificidades e necessidades dos indivíduos que fazem parte. Somente assim a EJA terá importância social e política em prol de um mundo mais democrático, justo e igualitário, onde todos tenham condições de participar e de contribuir para a paz e a harmonia global.

Referências Bibliográficas

ANDER-EGG, Ezequiel. **Técnicas de Investigación Social**. 24ª ed. Sites/Lumen, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006

GARCIA, Walter Esteves. **Visão teórica e prática pedagógica**. McGraw-Hill, 1981

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e Formação de Professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação de Professores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

Artigos consultados para a EJA disponível em:

<http://cursosavante.com.br/blog/tag/pressupostos-teoricos-e-metodologicos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja/>

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541>

<http://portal.mec.gov.br/>

<http://www.ibge.gov.br/home/>